



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS** **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021**

### **PRECONCEITO E INCLUSÃO ESCOLAR: A PERCEPÇÃO DISCENTE**

**Renata Carnauba de Sousa da Silva<sup>1</sup>; Solange Lucas Ribeiro<sup>2</sup>;**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [renatacarnauba0906@gmail.com](mailto:renatacarnauba0906@gmail.com)

2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [solucasr@hotmail.com](mailto:solucasr@hotmail.com). Trabalho orientado no período de setembro de 2020 a maio de 2021, pela docente Maria José Oliveira Duboc, e-mail: [mariaduboc2016@gmail.com](mailto:mariaduboc2016@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito; Escola; Estudantes.

### **INTRODUÇÃO**

As violências na sociedade, muitas vezes, nos causam temor devido à complexidade que se apresenta hodiernamente e evidencia a urgência e a importância de compreender as suas manifestações no cotidiano da escola e dos espaços sociais com intuito de combatê-la. Desse modo, faz-se necessário trazer para o debate a questão do *preconceito* que com base em juízos pré-estabelecidos, desencadeia atitudes discriminatórias, contra pessoas, ideologias, crenças, sentimentos, tendências comportamentais e *modus* de vida que sejam considerados, pelo discriminador, como desvinculados de padrões de normalidade (FANTE, 2005).

Segundo Crochík (2011), o preconceito é uma atitude, cuja ação corresponde à discriminação, que, por conseguinte, se manifesta de outras formas, na segregação (faz parte do grupo, mas ninguém considera) ou na marginalização (sequer faz parte do grupo). Essas ações são vivenciadas e principalmente, tornam-se potencializadas nos espaços sociais nos quais as experiências são empobrecidas e as diferenças individuais são negligenciadas.

Para compreender as situações de violências que se apresentam no espaço escolar e em consonância com a Teoria Crítica da Sociedade, evidenciada nos escritos de Adorno (1995), resolvemos pesquisar este tema, elegendo como objetivo geral: analisar a percepção do estudante frente às situações de preconceito e como objetivos específicos: discutir as manifestações de preconceito na escola; identificar os alvos do preconceito; descrever como os estudantes lidam com as situações de preconceito.

### **METODOLOGIA**

A pesquisa, fundamentada em uma abordagem qualitativa, teve como finalidade obter dados através dos dois tipos de instrumentos metodológicos: a entrevista e a observação participante. No entanto, a complexidade da pandemia, a qual desencadeou a suspensão

das aulas presenciais no Estado da Bahia desde março de 2020 e retomadas de forma online, em março de 2021, a obtenção dos dados somente foi possível de forma remota. A investigação ocorreu em uma escola do sistema estadual, localizada na cidade de Feira de Santana e foi realizada em maio de 2021, entre os dias 17 a 24, no contra turno das aulas, conforme a disponibilidade dos estudantes. Nessa perspectiva, empregamos a entrevista semiestruturada, composta de dez perguntas fechadas, complementadas com questões abertas, dirigidas a cinco estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 14 e 16 anos, que se declararam, três do sexo masculino, duas do sexo feminino, e quanto à raça, dois negros, dois pardos e um branco. Como técnica de tratamento de dados foi empregado a *análise de conteúdo*, segundo Laurence Bardin (2016), que permitiu chegar às seguintes categorias: situações de preconceito escolar, os alvos do preconceito, segundo os estudantes e como os estudantes lidam com as situações de preconceito.

## RESULTADOS

As categorias a seguir foram objeto de análise:

*Situações de preconceito escolar*; relaciona-se a ao objetivo que discorre sobre as manifestações de preconceito na escola. Nas declarações dos sujeitos, foram encontradas diversas situações de preconceito:

Ah... lembrei de caso de um garoto que tinha na minha sala e de uma garota que era mais gordinha [...]. E os meninos que tavam perto me contaram, ela foi pegar um lápis emprestado. Ele negou, falou que não tinha, e aí ela falou: “Só devia ser negro mesmo, né?!” E aí os meninos lá observaram e falaram: “Negro sempre é pobre, não tem essas coisas pra emprestar não!”. (Estudante C2)

[...]Eu já sofri preconceito, que foi por eu ser gordo, e aí os moleques falavam, quando eu ia jogar bola: “Não deixa C. jogar não, ele é muito gordo!”. Eu cheguei até a ir pra nutricionista, pra psicóloga, depois desse período, que foi assim. Eles pegavam, iam jogar bola e aí eles me excluía, falavam: “Não, licença, por favor, você não vai jogar aqui!” Eles não falavam gordo, mas não vai jogar aqui não!” e aí eles me excluía, eu ficava assistindo, só sentado, eu não podia fazer nada, não interagia com ninguém, eu me sentia mal [...] (Estudante C2)

Nos depoimentos percebemos que o preconceito se faz presente na escola, particularmente, na sala de aula, em diversos tipos de situações. Para Crochík (2006), o preconceito torna-se maior e mais presente em sociedades e em espaços onde o nível de competição social é mais intenso a fim de alcançar postos hegemônicos. Nesse sentido, a escola através da hierarquia oficial e a não oficial, fomenta a competição de cunho intelectual, social, físico, emocional e que acaba, muitas vezes, resultando em preconceito.

*Os alvos do preconceito.* Quanto aos que mais sofrem preconceito na escola, para I1 (1) são as pessoas *LGBT's*, já C2 (1) afirmou que são as pessoas *negras*, G3 (3) afirmou que são as pessoas *LGBT's*, os obesos e os estudantes considerados bons alunos, R4 (2) afirmou que são *os negros e os LGBT's* que sofrem mais e L5 (0) não conseguiu responder à pergunta. Ao compararmos as respostas dadas percebemos que os estudantes *LGBT's*, são os que mais sofrem preconceito e em seguida, as pessoas *negras*.

Nos depoimentos, encontramos outros dois tipos de alvos de preconceito no âmbito escolar: os estudantes considerados bons alunos e os obesos.

[...]na escola anterior, teve vários(alunos)...o que eu via, eu andava muito com esse tipo de gente, com pessoas que ficavam lá na frente, estudando, sempre fui desses assim... mas eu nunca sofri isso porque eu sempre me impus nessas horas, mas eu já vi um monte de gente ser “zoada” [...]E estudei com uma menina que era trans...tinha um menino que era gordo e aí as pessoas ficavam botando apelido nele, mas ele também sabia lidar muito bem com isso, ele meio que “zuava”, brincava de volta, ele sabia driblar a situação. (Estudante G3)

Quanto à especificidade do alvo, Crochík (2004) mostra que aqueles que têm preconceito em relação a determinado alvo tendem também a tê-lo em relação a vários outros.

*Como os estudantes lidam com as situações de preconceito.* Nesta categoria, buscamos identificar de que forma os estudantes lidam com as experiências de preconceito e tomamos como uma das referências o seguinte depoimento:

Eu nunca fui muito de conversar, que eu era mais quieta na minha, ainda sou...só que agora tô ficando mais solta pra falar com as pessoas. Chegou um tempo, acho que foi no quinto ou foi sexto ano, não sei, não lembro, que comecei...me julgavam muito, porque eu era bem magrinha, tipo as calças, minha mãe comprava um número menor e mesmo assim elas ficavam meia folgadas em mim, e eu comecei a usar umas cinco, seis calças por baixo, legging, só pra aumentar, pra dizer que tipo assim não sou tão magra. (Estudante I1)

No que se refere ao preconceito relacionado a si mesma, por imposição de padrões estéticos na entrevistada I1, acarretou-lhe muitos traumas psicológicos e resultou a necessidade de usar muitas calças para dar a impressão de que não era “tão magra”. Entretanto, há a contraposição conforme ilustra o depoimento que segue:

E aí eu parei pra pensar e falei: “Mano, quer saber de uma?” e também teve outras coisas que eu pensei, íntimas e pessoais, que eu quis estudar bastante, né? Focar nos estudos. Eu vou ficar ligando pro que os outros falam, que eu sou gordo[...]. [...] sobre os preconceitos... eu percebi que melhorou bastante, do ano que eu tinha até aqui, melhorou muito. Nos outros anos antes eram muito preconceituosas. É tanto que na minha sala tem garotas que são lésbicas e as pessoas não ligam pra isso. Até por elas se assumirem, abaixou o número de pessoas

querendo levantar a voz sobre elas, sobre o que ela é. E também sobre as outras meninas fazerem mesmo tranças, não ligam pro que os outros vão falar, irem pra escola e falar: “Sou negra mesmo, você vai fazer o quê?” Já percebi que mudou bastante, mas ainda tem aqueles certos grupos, que ainda são “Geração 1500”. (Estudante C2)

Notamos nos depoimentos, que a aceitação do próprio corpo e a percepção do empoderamento feminino do entrevistado C2, foram aspectos relevantes para os estudantes ressignificarem o preconceito sofrido e converter em exemplos positivos, que podem se tornar referência para outros estudantes.

Diante das ponderações de como os estudantes lidam com as situações de preconceito, é perceptível que embora haja casos de negação, hostilidade e de omissão, há também, a contraposição. Diante disso, Adorno enfatiza que:

É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não idêntico, o diferenciado. (1995, p.27).

Nessa perspectiva, compreendemos o fortalecimento da Educação Inclusiva como pressuposto indispensável para o enfrentamento da violência no espaço escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das percepções apresentadas pelos estudantes e em consonância com os objetivos desta pesquisa, compreendemos os tensionamentos e as dimensões do preconceito escolar. Notamos assim, a presença do preconceito na escola. A respeito dos alvos do preconceito, os estudantes elencaram como alvos privilegiados as pessoas LGBT's, as negras, os obesos e os bons alunos.

E sobre como os estudantes as situações de preconceito, acarreta muitos traumas psicológicos para quem sofreu, mas notamos também que tais situações foram motivo de ressignificação e transformada em exemplos positivos. Nessa perspectiva, defendemos uma educação crítica, o que remete a escola o papel de conscientização e de mudança da realidade, o que passa pela luta para garantir uma educação igualitária, equitativa à todos, ou seja, uma escola de fato inclusiva.

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, T. W. Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1995. p. 97-117.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

CROCHÍK, J. L. Manifestações de Preconceito em relação às etnias e aos deficientes. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, *LIII*, n. 118, p. 89-108, 2004.

CROCHÍK, J. L. *Preconceito e Educação Inclusiva*. Brasília: SDH.PR, 2011.

CROCHÍK, J. L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying*. Campinas: Verus, 2005.